

A neurociência tem demonstrado que grande parte do processamento cerebral ocorre de forma não consciente. Assim, a maioria das funções cerebrais ocorre de modo implícito, ou pelo menos sem um foco atencional. O encéfalo humano nasce muito imaturo e ao longo do seu amadurecimento aprende, a partir da experiência, a fazer várias associações mentais, que podem representar estereótipos implícitos. Os estereótipos implícitos negativos podem agravar desigualdades sociais através do viés implícito e da ameaça pelo estereótipo, por afetar nosso comportamento, nossas decisões, etc. O desempenho também pode ser afetado frente a uma situação de estresse/ansiedade que poderia surgir pela possibilidade da confirmação do estereótipo negativo (de raça, etnia, religião, gênero, orientação sexual, peso, deficiência física ou intelectual, entre outros). Assim, mulheres podem ter sua performance prejudicada num teste de matemática caso este seja precedido por um texto que aborda estereótipo de gênero (Dar-Nimrod e Heine, 2006) ou que afirma que o teste promove diferenças entre gêneros (Spencer et al., 1999), já que o estereótipo de brilhantismo na nossa cultura está associado ao gênero masculino. É possível que a ameaça pelo estereótipo também seja reforçada pela escassez de modelos femininos na área das ciências exatas, posições de liderança e gestão de modo geral na sociedade. Portanto, neste encontro discutiremos como surgem os estereótipos implícitos de gênero (mulheres/homens) e raça (brancas/negros), como ocorre esse prejuízo pela ameaça pelo estereótipo e estratégias para enfrentar esses revezes.

Venha participar!

** Serviremos pasteizinhos e refrigerante*



Coordenadoria de
Graduação



Espaço de
Acolhimento

